



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 10

**ANELISE BECKER
E MARCELO VIEIRA**

Laércio Meirelles

janeiro, 2018



janeiro, 2018

Anelise Becker e Marcelo Vieira



Chego e vejo a placa, ao alto, na entrada da propriedade: Agroindústria Morro Azul. Localizada na comunidade de mesmo nome, em Três Cachoeiras, município cruzado pela BR101, 150 quilômetros ao norte de Porto Alegre.

Estou ali para conversar com o casal Anelise Becker e Marcelo Vieira. Anelise, nascida em 1989, é filha de Izaias e Rosimere Becker e irmã da Joana, 11 anos mais nova que ela. Vivem todos na mesma propriedade, que ainda tem espaço para sua tia por parte de pai, Zita e o esposo Arlei, além dos avós paternos Martinha e José Luiz Becker.

Caminhamos um pouco pelas lavouras e vou ouvindo Izaias contar a história da propriedade. Ele nasceu em 1963, ali mesmo. Assim como seu pai, 30 anos antes. Seu avô, 60 anos antes dele, nasceu também na mesma propriedade. Quase 30 anos depois, nasceu Anelise. Já na época dos partos em hospitais, nasceu em Torres, mas no dia seguinte ela já estava de volta a Morro Azul.

Tenho vontade de colocar tudo o que contam no papel, mas não posso, seria um texto à parte. Belas e intrigantes histórias sobre as centenárias lavouras de cana, a fabricação de cachaça, a moenda do início

do século 20, a chegada da banana na região. Tem também a panela com moedas de ouro sob uma enorme pedra, que não pode ser removida, ou detalhes sobre a bola de fogo noturna que apareceu várias vezes no mesmo lugar e vem assustando gerações.

— *Eu mesmo vi* – diz, sério, o Marcelo.

Não duvido. Mas o que vejo na lavoura com Izaias, Anelise e Marcelo é um manejo de quem está bem informado e, absolutamente, convicto da proposta de trabalhar com Agricultura Ecológica.

Izaias conta que, na verdade, nunca foram de usar veneno, e ingressar na Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert), seis meses após a primeira ida dos pioneiros à feira em Porto Alegre, foi natural. E fruto da militância da sua mãe e da sua esposa no Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), e dele próprio na Pastoral da Juventude Rural (PJR).

— *Fomos na feira, pela primeira, vez em abril de 1992. Levamos banana, aipim e açúcar.*

Andamos pela propriedade e, já escurecendo, retornamos das lavouras. Vejo uma área com aipim, milho, mandioca, amendoim. Anelise diz:

— *É do vô.*

— Do vô, Anelise, com 84 anos?

— *Sim, ele acorda às cinco e meia, faz seu café e vem para a lavoura. Às nove, vem para casa para tomar outro café... ele não fica parado!*

Sentamos para conversar em uma casinha de madeira feita pelo Izaias, que já trabalhou como carpinteiro quando jovem, para o neto Nicolas, sete anos, filho da Anelise e do Marcelo.

Começo a conversa com a Anelise e fico lembrando de quando ela ficava brincando com minha filha, Helena, as duas da mesma idade, enquanto estávamos, os pais, reunidos para avançar com o trabalho na região. Isso lá pelos idos de 1992/3.

Anelise estudou em Morro Azul até a 8ª série. Pensou

em fazer o curso de Técnico Agrícola em Santa Rosa do Sul, mas não tinha alojamento feminino. Optou, então, por fazer o Ensino Médio em Três Cachoeiras. Tentou o vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas não foi bem sucedida. Enquanto pensava em como seguir os estudos, apareceu uma oportunidade de fazer Licenciatura em Educação no Campo, no Iterra, em Veranópolis, em parceria com a Universidade Nacional de Brasília. Essa faculdade, ligada aos Movimentos Sociais do Campo, disponibiliza vagas para integrantes de diferentes movimentos sociais, dentre eles a PJR. Anelise foi indicada, fez o vestibular e passou.

Cursou a faculdade entre 2007 e 2011. Habilitada a dar aula em Química, Física, Biologia e Matemática, não se entusiasmou com a possibilidade. Em 2011, passou em um concurso público na Prefeitura de Três Cachoeiras.

— *Fiquei na Prefeitura até 2013. Não aguentei mais e pedi exoneração. Engraçado que os colegas mais novos se apavoraram com a minha decisão de largar um emprego público, mas os mais velhos entenderam, me diziam para eu fazer isso enquanto jovem.*

Com a exoneração foi trabalhar na agroindústria, mas o desejo de estudar prosseguia.

— *Inventei de fazer a prova para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Ufrgs (PGDR). Sabia que não ia passar e passei (risos). Durante o ano de 2014, morei em Porto Alegre e, em 2015, fiz a pesquisa, dividindo-me entre estudar, ficar com o Nicolas, fazer entrevistas e ainda ajudar um pouco na agroindústria. Defendi a dissertação em junho de 2016. Aí, sim, voltei inteira para trabalhar na agroindústria.*

Ela conta algo que não me surpreendeu. Lamento, mas de fato não me surpreende.

— *Sabe, Laércio, quando fui fazer a entrevista, eles perguntaram por que eu queria fazer um mestrado. Comecei*

a responder que gostava de estudar, aprender, que gostaria de aplicar o que fosse aprender na propriedade e na comunidade... vi que a cara deles não era de aprovação... aí mudei o rumo... menti... disse que também gostaria de ser uma pesquisadora, quem sabe, professora. Acho que fui aprovada porque mudei o rumo da prosa e disse o que eles queriam ouvir. Não que eu não queira, posso até optar por dar aulas, mas naquele momento senti uma certa obrigação de dizer isso.

Não é de estranhar que Anelise seja um raríssimo caso de jovem agricultora vivendo na e da propriedade, com mestrado em universidade pública. A própria universidade trata de tirar da roça o jovem que quer estudar.

Dentre minhas leituras da realidade, sempre lamento o fato das universidades públicas que, por definição, deveriam ser espaço do pensar autárquico, sejam tão escravas das suas regras e presas ao seu corporativismo.

Enfim...

Entrelaçada a essa trajetória de estudos está o ativismo social e político da Anelise.

— Anelise, e a PJR?

— Comecei com 13 anos, no Grupo de Jovens de Morro Azul, participando, também, de umas poucas atividades regionais, logo entrei para a coordenação da Região de Torres. Depois de participar de algumas atividades de formação, fui para a Coordenação Estadual da PJR.

Apesar de ter mãe e avó militantes do MMC e, desde sempre, acompanhar os pais nas suas atividades com Agricultura Ecológica, dentro e fora da propriedade, Anelise comenta que foi a PJR que deu formação política e permitiu-lhe entender e valorizar o meio em que vive.

— Na adolescência senti muita rejeição por ser da roça. Acho que pelo fato de estudar em Três Cachoeiras, meus amigos serem meio urbaninhos, existia o preconceito com quem vinha do interior.

Adorei *urbaninhos*. Anelise segue:

— *Tanto ou mais do que ser filha de agricultores ecologistas, foi a PJR que me reforçou a autoestima de ser da roça, que me ajudou a compreender o papel social da Agricultura Ecológica, a entender a sociedade em que vivemos e o que é a luta de classes.*

Anelise comenta que uma das suas batalhas na PJR é o tema da participação da mulher. Ajeita-se na cadeira e seus olhos brilham quando o tema surge. E começa a contar que ainda existem muitas dificuldades na PJR para discutir esse assunto. Em 2014, ela e outras jovens formaram um coletivo de mulheres. Não era oficializado, mas as discussões eram livres e muito motivadoras. A partir da Assembleia Nacional de março de 2017, em Caruaru, Pernambuco, esse coletivo institucionalizou-se em uma “Equipe de Gênero e Diversidade”.

— *Com essa institucionalização meio que perdemos, sabe? Agora não podemos discutir abertamente todos os temas que nos interessam, a Igreja Católica acaba usando sua influência e nos limita um pouco.*

Mas elas encontraram uma solução... seguem fazendo formação, reuniões, discutindo suas realidades e lutas próprias das mulheres. O coletivo de mulheres ainda existe, com certa dose de clandestinidade.

— De onde vem tua veia feminista?

— *Acho que da mãe, do MMC. Foi o que vi e aprendi aqui em casa, o pai e a mãe sempre juntos, quando tinham que conversar comigo. Por exemplo, quando comecei a namorar, eles vieram juntos para conversar, explicar. Também nunca fui ensinada a crescer, casar e obedecer marido.*

Anelise não para. Em 2012, foi candidata a vereadora em Três Cachoeiras. Desde jovem acompanha as reuniões do Partido dos Trabalhadores. Aceitou o convite que recebeu e gostou da experiência.

— *Fiquei longe de ser eleita, mas foi muito interessante*

fazer campanha. Eu tinha dificuldade em pedir voto, mas ir às casas e conversar com as pessoas, suas demandas e ouvir suas realidades foi muito legal. Além disso conheci muito mais, e com outros olhos, meu município.

Desde 2012, ela segue atuando no seu partido. Foi vice-presidente e, atualmente, é secretária.

— Vai de novo, Anelise?

— *Não... Foi muito interessante, mas não me candidato de novo, nossa vida fica muito exposta. O nosso jeito de fazer política ainda não é compreendido, todos estão muito acostumados com as trocas de favores, com serviços individuais, que não é nossa proposta. Agora quero dedicar-me ao trabalho na agroindústria.*

— Qual teu trabalho diário aqui?

— *Quando é dia de produção, atuo junto. Nos demais dias, a gestão. Receber pedidos, organizar as remessas, fazer notas fiscais, cuidar do fluxo de caixa, contas a pagar e receber. O custo de produção também é tarefa minha.*

Em 2017, processaram quase 20 toneladas de banana e 16 toneladas de açaí, a maior parte de outras propriedades, todas certificada pela Rede Ecovida. Além disso, pequenas quantidades de figo, uva, goiaba, abóbora e outros produtos cultivados por eles próprios.

Anelise realmente não para. Hoje está cursando administração no município de Capão da Canoa. Semipresencial, vai à faculdade todas as sextas-feiras.

— *Sabe, não me vejo só na roça. Nunca me vi. Mas esse trabalho na agroindústria, seguir os estudos, o trabalho comunitário, isso me motiva!*

— *Nós, da Agricultura Ecológica, não costumamos ficar só na roça – comenta Rose.*

Penso na importância dessas múltiplas atividades em uma propriedade para permitir que diferentes perfis de pessoas possam continuar no campo.

Anelise, no meio de todas essas tarefas, ainda teve tempo de casar e ter um filho. Em uma atividade da PJR, em 2005 conheceu Marcelo, começaram a namorar em 2007 e casaram-se em 2010.

Marcelo Vieira nasceu em Santo Antônio da Patrulha, RS, na comunidade de Rincão da Palmeira. É o caçula de sete irmãos, em uma família de agricultores. Ele tinha apenas três anos quando mudaram-se para a cidade, buscando melhorar de vida. Mas foi o próprio custo de vida na cidade que os levou de volta ao interior, quatro anos depois.

A renda da sua família era baixa e o estudo dos filhos não era uma prioridade. O pai faleceu em 1994 e todo recurso era bem-vindo para o sustento da família. Marcelo foi o único dos irmãos que seguiu os estudos, mas nunca pôde deixar de dar sua parcela de contribuição para as despesas da casa.

— *A mãe não me impedia de estudar, mas com jeitinho ela perguntava se eu não queria abandonar os estudos para trabalhar. Eu mantinha as roças da família e trabalhava de diarista na comunidade. Essa grana era para ajudar em casa e viabilizar meus estudos.*

Após concluir o Ensino Médio trabalhou como diarista em lavouras de outros, na construção civil e na manutenção de piscinas em um parque aquático do município.

— *Tudo se encaminhava para eu trabalhar na cidade. Foi quando a PJR me convidou para fazer um curso em que diversos assuntos foram abordados, inclusive muitos temas de caráter mais político, sobre o papel do jovem na roça. Fui, gostei e me envolvi na PJR. Lembro-me bem da música que cantávamos no curso, uma espécie de hino. “Não é preciso ser filho de doutor, jovem da roça também tem valor”. Essa coisa de resgatar a autoestima mexeu comigo.*

Marcelo fala mais um pouco deste assunto do preconceito que, muitas vezes, assola quem mora no interior.

— *Eu era tímido, não gostava de ler em público, a escola*

era na cidade, eu me sentia discriminado por ser da roça. Este aqui também é, ele aponta para Nicolas, filho de sete anos, que é chamado pelos coleguinhas no colégio de “00veneno”.

Não posso deixar de rir. Viro-me ao Nicolas, vejo-o atento à nossa conversa:

— Nicolas, gostei, eu também sou “00veneno”. Esta casinha aqui pode ser a sede do nosso clubinho, dos “00veneno”!

Os olhos do menino vibram e ele aprova a ideia!

Volto ao Marcelo e a sua trajetória. Através da PJR surgiu a oportunidade para ele estudar na Escola Latino Americana de Agroecologia (Elaa), com sede no município da Lapa, estado do Paraná. Graduou-se como Tecnólogo em Agroecologia em 2010, mesmo ano em que casou. Em 2011 fez pós graduação em Gestão Ambiental.

Relembra que durante a faculdade fez vários dos seus momentos comunidade, parte da metodologia da alternância usada na Escola, na propriedade da namorada.

Anelise:

— *Enquanto namorávamos, quando precisávamos de mão de obra aqui em casa, contratávamos o Marcelo.*

— Bom para todo mundo, né? Digo a ela e nós dois sorrimos.

Quando casaram, Marcelo seguiu morando e trabalhando junto com a família Becker. Conheço-os há mais de 25 nos, posso ver como ele já se integrou totalmente à paisagem. O casal Rose e Izaias são muito acolhedores e sei da alegria deles em ter a filha por perto.

Marcelo tem um intenso trabalho. Lida nas lavouras, colhe e processa banana. Colhe e processa açaí-juçara. Na última safra colheu 15 toneladas de açaí de outras propriedades. Dois ou três dias por semana, o dia todo, trabalho intenso por cinco meses. Conta que emagreceu dez quilos.

— *Mas já recuperou* – diz Anelise sorrindo.

Além da banana e do açaí, há várias outras lavouras para

abastecimento da família ou comercialização em feiras, que lhe exigem boas horas de trabalho. Ele também atua como agente de comercialização da Econativa. A Econativa é uma Cooperativa de Agricultores Ecologistas que atua facilitando a comercialização dos produtos de famílias do Litoral Norte e da Serra Gaúcha.

O foco do Marcelo em seu trabalho para encontrar mercados para os produtos da Econativa são os editais públicos de compras. São compras governamentais para escolas, hospitais, exército, etc. Além disso, ele responsabiliza-se por encontrar mercados também para produtos da Agroindústria Morro Azul. E ainda organiza a participação em feiras que buscam promover produtos da Agricultura Familiar e/ou da Agricultura Ecológica.

A família participa de duas feiras semanais em Porto Alegre. Marcelo e Anelise às quartas, na Lima e Silva, fruto de uma parceria entre o Sindicato dos Petroleiros e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Os pais vão aos sábados, uma vez por mês, já que existe um rodízio na Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert).

— *Vendemos para Ecotorres e Coopet (cooperativas de consumidores de produtos ecológicos das cidades de Torres e Três Cachoeiras) e em muitas lojas de produtos orgânicos e naturais, em vários municípios. Também para alguns restaurantes e pequenos processadores, que usam nosso açaí em iogurte ou nossas passas de banana para fazer bombons.*

O trabalho para comercializar tudo o que é produzido na propriedade e na agroindústria é intenso. São muitos os envolvidos, o esquema precisa funcionar bem para gerar a renda necessária. A opção deles é construir circuitos curtos, buscar a maior aproximação possível ao consumidor final. Essa ideia dos circuitos curtos de comercialização é parte dos temas que dialogam de perto com a proposta da Agricultura Ecológica. Fazer o alimento caminhar o menos possível tem

inúmeras vantagens. Aproxima consumidores e produtores, permitindo-os reconhecerem suas realidades. Diminui preços de intermediação, armazenamento e transporte. Incentiva o consumo de produtos locais, de época. Em tempos de aquecimento global, vale ressaltar a economia de carbono emitido. Existem trabalhos que demonstram que as vantagens ambientais, em relação à emissão e sequestro de gases estufa, da produção ecológica, podem ser neutralizadas após o produto viajar determinado número de quilômetros.

Vale ressaltar que o termo “curto” desta denominação “circuitos curtos de comercialização” não se limita apenas a distâncias geográficas. Embute, também, a ideia de aproximar o máximo quem produz de quem consome. É verdade que as grandes indústrias de transformação de alimentos e as grandes cadeias de distribuição dominam o mercado e auferem ganhos gigantescos com isso, parte reinvestido em propagandas, que tentam nos convencer das bondades dos seus produtos, cada vez mais artificializados.

Mas é verdade, também, que vem aumentando o número de pessoas que valorizam mais o local, o fresco, o feito em casa, o processado sem aditivos, o comprar de quem produz. Essa é a aposta do trabalho que o Centro Ecológico faz junto aos agricultores ecologistas, e da qual a Agroindústria Morro Azul é um excelente exemplo.

Além desse trabalho na produção e comercialização, Marcelo é ativo no processo de Certificação Participativa. Ele faz parte da coordenação do Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida de Agroecologia como coordenador da Comissão de Ética. Isso exige a participação em uma reunião mensal da coordenação, nas plenárias do núcleo (cerca de oito por ano), na plenária estadual, que reúne os núcleos do Rio Grande do Sul (uma por ano) e na plenária de núcleos, que reúne todos os 30 núcleos da Rede Ecovida (duas vezes por ano). Ufa!

Reflico sobre o dinamismo do casal e indago o que eles

visualizam para o futuro.

Anelise:

— *Aqui. Queremos seguir aqui. Entrei na coordenação da Econativa. Sonho que ela seja mais do que um canal de vendas, que seja mais ativa, colabore com o desenvolvimento regional, aproveite sua estrutura e presença na região para discutir a agroecologia. Vou propor que ela tenha dois coletivos, um de mulheres, outro de jovens. E sigo ativa na PJR. Estou na Coordenação e na Equipe de Formação Estadual.*

Marcelo comenta que vai às feiras nas quartas para eles poderem ter tempo no fim de semana em atividades comunitárias.

— Que atividades?

— *Aqui, na comunidade e no município, tentamos colaborar com o grupo de jovens e participar o máximo das atividades sociais, religiosas, comunitárias. Gostamos desse tipo de trabalho.*

Já encerrando a conversa, Anelise complementa:

— *Quem sabe mais para frente podemos ir para Florianópolis. Marcelo tem vontade de fazer mestrado, e eu poderia aproveitar e fazer meu doutorado. Mas estou falando de oito, dez anos... antes, queremos organizar a agroindústria, estabilizar a renda. O custo fixo é alto, precisamos diversificar mais a produção, usar a estrutura por mais tempo.*

Olhando para o Marcelo, complementa:

— *E queremos outro filho, também...*

Ele sorri, concordando.

